

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 21/03/2020

**TASSIANA CARLI**

**ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA:  
uma análise a partir da psicologia moral e das virtudes**

**ASSIS  
2018**

**TASSIANA CARLI**

**ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA:  
uma análise a partir da psicologia moral e das virtudes**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Leonardo Lemos de Souza

Bolsista: CAPES

**ASSIS**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Carli, Tassiana  
C282e      Ensaio sobre a cegueira: uma análise a partir da psicologia moral e das virtudes / Tassiana Carli. Assis, 2018.  
157 f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr. Leonardo Lemos de Souza

1. Psicologia e literatura. 2. Psicologia - Aspectos morais e éticos. 3. Virtude. 4. Piaget, Jean, 1896-1980. 5. Saramago, José, 1922-2010. I. Título.

CDD 150  
869.3

## AGRADECIMENTOS

São muitas memórias a serem retomadas nesse espaço. Cada qual com sua peculiaridade, de alguma forma, me fez forte para a conclusão de mais uma travessia na vida.

Iniciando pelo Dr. Nelson Pedro, grande incentivador dessa jornada maluca, meus agradecimentos por todo apoio e pelas horas infinitas de orientação, mesmo quando isso não lhe era mais obrigatório. Grata também por me possibilitar a construção de uma pesquisadora que, em suas palavras, quase o deixou louco com as angústias recorrentes e com o fato de ter iniciado sem saber noções básicas de como se montar uma dissertação. Agora já sei e, com certeza, não pararei por aqui.

Ao Dr. Leonardo Lemos, obrigada por sempre me apoiar e amparar em minhas decisões, sejam elas na graduação ou na pós.

Às integrantes da banca de qualificação e defesa, Professoras Doutoras Rita Melissa Lepre e Luciane Guimarães Batistella Bianchini, todo meu agradecimento pelo cuidado, pela disponibilidade e pelas recomendações que possibilitaram a expansão da pesquisa.

Aos apoios institucionais, gostaria de agradecer a UNESP, FCL de Assis, meio para o qual pude retornar depois de tantos anos distante da academia e que me proporcionou diversas transformações. Agradeço também por ser um lugar apinhado de pessoas interessantes e que me fazem desenvolver a cada dia.

À instituição de fomento CAPES, por proporcionar investimentos em pesquisas, e assim contribuir com o desenvolvimento científico. Graças a ela, também pude concluir com um pouco menos de “sufoco” esta etapa.

Aos funcionários, incluindo os professores, e às pessoas da comunidade que me proporcionaram reflexões e, assim, de alguma forma, contribuíram para o meu trabalho, meu máximo respeito.

À Vânia, bibliotecária, que me acolheu em uma manhã de muito nervosismo e não hesitou em me ajudar no que estava ao seu alcance.

Nesse momento, não posso deixar de me voltar à minha família. Ao meu pai, Sidney (*in memoriam*), pois sei que estaria extremamente orgulhoso nesse momento e, provavelmente, contando, para a cidade e região de Assis (SP), que sua filha terminou o mestrado. Porém, quero acreditar que, de alguma forma, ele sabe disso e que, então, está comemorando como pode. Quem sabe não é da mesma forma?

Espalhando a notícia aos quatro ventos e se enchendo de orgulho. Ele me fez falta nesse árduo caminho, inclusive por ser fonte de sabedoria, mesmo sabendo que esteve presente o tempo todo. Afinal, fui em parte tecida por ele.

À minha mãe, Lucia, por acreditar em mim mais do que eu mesma e por tentar sempre me mostrar o quão capaz eu posso ser. Exemplo de mulher forte, independente e que me faz ter muito orgulho. Grata pelos “rangos” surpresas naqueles dias em que eu não tinha comido nem um ovo por falta de tempo.

Ao leie, meu primeiro amor, toda minha gratidão por simplesmente tê-lo como irmão. Dono de uma atenção, cuidado e abraço que me fortalecem. Obrigada por estar comigo em todas as minhas escolhas.

Binho, segundo amor, por todo acolhimento melhor impossível e por sempre ter uma solução adulta para os meus problemas. Por todo ouvido que me dependeu nesse processo e em todos os outros, meu muito obrigada.

Helô, a caçulinha e meu terceiro amor, porém não menos importante, grata por ser minha inspiração, quando, talvez, devesse ser o contrário devido aos quase 11 anos que me colocam cronologicamente a sua frente. Agradeço por toda paciência e todo amor, mesmo quando eu já havia perdido a razão. Ah! E pelas traduções também, *chiquitita!*

Não poderia deixar de mencionar minha cunhada, Reninha, que me acolhe tão bem em todos os nossos momentos juntas.

Aproveito, então, para agradecer também a Dona Maria e ao seu João, avós paternos e a Dona Lourdes, avó materna, referências de amor eterno e de fortaleza. Cada qual com suas lutas que já enfrentaram na vida sempre me deram a certeza de que basta estar em movimento (ou mesmo mais paradinha, como a minha vovó Lourdes, minha segunda mãe) para que tudo aconteça.

E a vida também se constitui de amizades...e que amizades!

Ao meu super parceiro Rodney Costa, toda minha gratidão pela paciência, pelos auxílios “burocráticos” e pelas tardes regadas a orientações juntos.

Ao Paulo Marinho, amigo de quase duas décadas, com quem tive o prazer de dividir novamente o espaço acadêmico – mas agora como pseudoadultos, e não mais dois juvenzinhos –, e por quem meu coração chega a transbordar por tanto companheirismo, mesmo em nossas longas ausências.

Carol, companheira de tristezas, alegrias, amores e desencantos. Ah! Sem esquecer os dias infinitos de estudos juntas e das dezenas de garrafas de café. Foi também por ela que cheguei até aqui.

E por falar em Carol, já aproveito para agradecer ao meu grupo Rolezeirxs de Assis (não nos julguem!), composto por pessoas tão queridas e especiais que me acompanharam na pós-graduação e fora dela também.

Às minhas novas e nem tão novas companheiras que me acompanharam nesse trajeto:

Renata, amiga que me acompanha há tantos anos, grata por todo amor, amizade e presença, mesmo que fiquemos tanto tempo sem nos ver.

Dani, que me acompanha também desde 2008 e que, apesar de tantos anos sem nos encontrarmos pessoalmente, consegue me fazer sentir seu amor de longe.

Mands, pela parceria de cada dia embaixo do mesmo teto e pelos diálogos que só me ampliaram, a ponto de me sentir gigante e, ao mesmo tempo, minúscula por ver o quanto há de ser feito nessa vida de militância. Obrigada também por me fazer refletir sobre meus privilégios e, assim, me transformar.

Ferdinandes, por me mostrar a potência que existe em mim, aguentar meus choros e ser essa pessoa que dá vontade de levar pra casa (tanto é que levei!).

Isa Ortiz, minha gêmea de 10 anos de diferença que me acolheu com tanto amor nessa loucura que é fazer uma segunda graduação juntamente com um mestrado.

Já que é assim, não posso me esquecer dos “migues” da graduação que me orgulham e me sustentam nessa árdua caminhada. Grata por toda partilha, principalmente as de vida. Entre alguns nomes estão Felipe Arneiro, pela amizade desde o primeiro dia de aula, Sté, pelos dias de reflexão pelo campus, e meu trio de trabalho favorito (a Isa também está nessa, então seria quarteto), Luan, Jimmy e Bala. Aproveito para deixar minhas mais sinceras desculpas por ser extremamente chata nas produções em grupo. Vou tentar melhorar!

Só mais um pouco, deixo registrada minha mais sincera admiração às “minas” fortes e potentes que encontro em sala de aula, pelo campus e pela vida.

Ao meu grande amigo Ricardo Orso, companheiro de outra graduação e de tantos caminhos percorridos, só posso agradecer pela segurança que me transmite a ponto de me fazer acreditar que, mesmo que me faltassem todos os meus, eu ainda teria alguém por mim.

Caio Russo, amigo poeta, mas nada sonhador! Grata pelas realidades expostas e por me fazer melhor para conseguir trilhar essa jornada.

Andrey, pelas comidas, pelas séries, pelas músicas, pelos abraços e pelos conflitos que nos tornaram infinitamente mais fortes. Pelas discussões acadêmicas, pelas noites refletindo, pela vida bem vivida, pela sinceridade, pelo colo nas crises de produção e por me apoiar, na prática, para que esse trabalho fosse concluído.

“Profe” Bruno El Joe, pelos ouvidos sempre bem dispostos e por ser minha referência de vida acadêmica e não acadêmica também.

Aos meus amigos e às minhas amigas, que nem conhecem Assis, mas sempre estiveram do meu lado: Mayza, minha gaja; Jô, minha inspiração; Felipe Cilli, pelos lindos reencontros.

Ao Pedro Fonseca, amigo agora um pouco distante, mas que teve grande importância no meu ingresso no mestrado. Como já disse, a gratidão é eterna!

E a todos os demais que cruzaram meu caminho e contribuíram para que minha pesquisa tivesse chegado ao fim, sendo me apoiando, me dando um ombro pra chorar, me chamando pra comer, ou pra dar o famoso “rolê”, grata por todas as formas de amor.

Não me perdoaria em deixar de fora meus companheiros de todos os dias, que aguentam meu estresse sem reclamar. Muito pelo contrário, quando me veem, me enchem de “lambeijos”. Nala (*in memoriam*), Koda, Ariel, filhos caninos e Luna, uma espécie de irmã canina.

Por fim, agradeço a mim mesma, por ter resistido a noites sem dormir, dias sem conseguir comer, crises de tremeadeira e respiração ofegante e a tanta dor de cabeça para poder ser, enfim, uma pesquisadora mestra e, assim, contribuir não só acadêmica, mas socialmente.



CARLI, Tassiana. **Ensaio sobre a cegueira**: uma análise a partir da psicologia moral e das virtudes. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado consistiu em analisar os aspectos éticos e morais encontrados na obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, principalmente em relação aos valores priorizados pela personagem denominada “mulher do médico”, tendo como referencial a psicologia moral piagetiana e a psicologia e filosofia das virtudes. A pesquisa foi do tipo documental. Os resultados apontaram que, enquanto a mulher do médico guiava-se pelo cultivo das virtudes e o uso da razão, agindo de maneira autônoma, a quase totalidade dos outros personagens procedeu pautada por uma moral heterônoma e por formas de glória, isto é, priorizavam valores como a beleza, a força física, o status social e o financeiro. Ademais, alguns tomaram a felicidade como sinônimo de hedonismo. Para a superação desse modelo de identidade heterônoma, por meio das atitudes da mulher do médico, o autor do romance defendeu o cultivo de virtudes, como a generosidade, a prudência, a compaixão, a coragem e a justiça. Ainda que não sejam consideradas virtudes, também notamos que, em certos momentos, ela foi movida pela solidariedade e pelo amor, este, o qual é, em síntese, todas as virtudes. Sendo assim, tendo por suporte o fato de ela ter sido a única que não ficou cega na obra analisada, consideramos tais excelências e o fato de ter agido autonomamente como os aspectos apontados pelo escritor para se superar o estado de heteronomia que, atualmente, encontram-se os indivíduos, ou seja, imersos em um quadro de cegueira branca.

**Palavras-chave:** Psicologia ético/moral e das virtudes. Saramago. *Ensaio sobre a cegueira*. Jean Piaget.

CARLI, Tassiana. **Blindness**: an analysis through moral and virtues psychology. 2018. 157 p. Dissertation (Masters in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

### ABSTRACT

The present dissertation consisted of analyzing the moral aspects found in the novel *Blindness*, by José Saramago, mainly in relation to the character's doctor's wife values. We queried the moral psychology and the psychology and philosophy of the virtues as our reference. We developed the documentary research modality in the present study. The results pointed out that the doctor's wife was guided by the cultivation of the virtues besides she using the reason therefore in an autonomous way. The other characters in the majority of cases was guided by heteronomous way and by forms of glory, that is, they prioritized the beauty, the physical strength, the social and financial status. In addition part of them considered the happiness as a hedonism synonymous. To overcome this model of heteronomous identity, through the attitudes of the doctor's wife, the author of the novel advocates the cultivation of virtues, such as generosity, prudence, compassion, courage and justice. We also noticed that she was supported by solidarity and love -the last one surpasses all virtues - although they are not considered virtues. Therefore, considering that the doctor's wife was the only one that was not blinded, we consider her excellences and her autonomous way pointed by the writer to overcome the currently heteronomy state.

**Keywords:** Ethical/moral psychology and psychology of the virtues. Saramago. *Blindness*. Jean Piaget.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
	1.1 Apresentação .....	13
	1.2 Justificativas .....	18
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
	2.1 Modalidade de pesquisa .....	29
	2.2 Processo.....	29
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>31</b>
	3.1 A psicologia moral de Jean Piaget .....	32
	3.2 A psicologia das virtudes .....	38
	3.3 Ética e virtude .....	47
<b>4</b>	<b>BIOGRAFIA: UM COMUNISTA APAIXONADO POR PILAR .....</b>	<b>51</b>
	4.1 Antes de nascer .....	52
	4.2 Primeira infância .....	57
	4.3 Adolescência .....	60
	4.4 Adultícia .....	61
	4.5 Vida de escritor .....	66
	4.6 Sua morte .....	69
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISE .....</b>	<b>70</b>
	5.1 A mulher que não foi tomada pela cegueira .....	71
	5.2 Referências à mulher do médico .....	71
	5.3 A ida do médico e de sua mulher para o manicômio e o contato com outras pessoas tomadas pela cegueira .....	82
	5.4 A coletividade para a mulher do médico .....	89
	5.5 A mulher do médico e o papel dos intelectuais em sociedades complexas .....	92
	5.6 A tentativa de estupro da rapariga de óculos escuros e as consequências .....	94

5.7 A perda da identidade .....	96
5.8 A chegada da comida .....	99
5.9 A morte do ladrão e o seu enterro .....	104
5.10 A beleza e a cegueira .....	109
5.11 O velho cego de um olho e as notícias do mundo extramuros ..	110
5.12 A selvageria e o horror .....	115
5.13 A coragem decorrente do desespero .....	118
5.14 O médico e a rapariga dos óculos escuros .....	122
5.15 Início dos estupros.....	129
5.16 A saída do manicômio .....	131
5.17 Os cegos tomados pela cegueira branca voltam a enxergar .....	136
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>150</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

## 1.1 Apresentação

O interesse em realizar estudo sobre a obra *Ensaio sobre a cegueira*, escrita pelo prêmio Nobel de literatura José Saramago (1922-2010), publicada em 1995, decorreu, inicialmente, das possíveis relações entre literatura e psicologia. Nesse caso, referimo-nos especialmente à psicologia ético/moral, construída por Piaget (1932/1994; 1964/1973) e a das virtudes, sistematizada por Yves de La Taille (1998, 2000, 2002a, 2002b, 2002c, 2006, 2009).

A possibilidade de se realizar investigações psicológicas sobre obras literárias é possível, embora ainda apresente lacunas, segundo o emérito filósofo e psicólogo Dante Moreira Leite (1927-1976). Nesse sentido, não pretendemos conciliar as duas áreas de conhecimento, mesmo porque nos julgamos desprovidos de conhecimentos para realizar tal feito. Apenas propomos a análise psicológica de uma personagem da mencionada obra literária. De qualquer maneira, a partir das reflexões desenvolvidas pelo referido estudioso, fizemos considerações sobre a relação entre psicologia e literatura. A nossa intenção, com isso, foi a de defender a realização do nosso estudo, a saber: analisar os aspectos éticos/morais da obra de Saramago (1995), especialmente os valores encontrados na personagem “a mulher do médico”.

A princípio, ressaltamos que a relação entre as duas referidas áreas de saber, segundo Leite (1965/1977), nem sempre foi considerada plausível. De um lado, havia sociólogos e psicólogos que reduziam a definição de arte à mera manifestação de fatores sociais e/ou psicológicos. Estes tendiam a explicar a literatura – um fenômeno artístico – basicamente de três formas.

Primeira: tendo como parâmetro o marxismo (BOTTOMORE, s.d./2001), sociólogos e psicólogos sociais tendiam a compreender a literatura como uma decorrência da infraestrutura econômica. Dessa forma, ela seria mera expressão dessa base – a superestrutura. A nosso ver, essa interpretação é equivocada ou incompleta até para o próprio marxismo. Amparamo-nos, para fazer essa afirmação, no trecho a seguir:

[Infraestrutura] Conceito que no marxismo designa numa sociedade sua estrutura econômica, ou seja, as relações econômicas de produção e as contradições delas decorrentes. A infraestrutura, sendo a base material da sociedade, determina a superestrutura, isto é, a ordem política, jurídica, cultural, educacional, etc. dessa sociedade; porém, essa relação *não deve*

*ser vista de forma mecânica, mas dialética*, já que a superestrutura, por sua vez, influencia também a infraestrutura, assegurando sua manutenção e reprodução, ou podendo levar a modificações nela. (JAPIASSU; MARCONDES, 1989, p. 133, itálicos nossos)

Para nós, um caso representativo é o do escritor russo F. M. Dostoiévski (1821-1881). Em *Crime e castigo* (1866/1998), observamos que as condições objetivas de vida acabaram por levar o personagem Raskólnikova a cometer várias atrocidades, como assassinato e roubo. Mesmo o citado escritor só produziu tal obra porque vivia em condições de miséria impostas pelo *status quo* da Rússia czarista. Isso o fazia contar com a produção de folhetins para os jornais visando garantir sua sobrevivência. Contudo, se adotarmos essa análise – os aspectos idiossincráticos, referentes ao autor –, acabamos por deixar de lado outros que foram influenciadores de seus escritos. Afinal, outras pessoas submetidas às mesmas condições não produziram obras dessa envergadura.

Outros estudiosos concebiam as obras literárias, assim como outras produções imateriais de um modo geral, como resultantes das percepções<sup>1</sup>. Isso significa, então, que a literatura, por exemplo, seria meramente produto do meio. Essa noção está intimamente ligada à filosofia empirista, para a qual os comportamentos e as ideias são decorrentes dos sentidos.

Suponhamos que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela é suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado. (LOCKE, 1690/1999, p. 57)

Nesse caso, o sujeito é tomado como um ser passivo. Por conseguinte, a arte seria apenas um meio para expressão de determinadas condições ambientais. Novamente, encontramos a ideia de que a subjetividade não influencia nas obras literárias. Todavia, diferentemente da primeira concepção – a marxista – que

---

<sup>1</sup> Para os empiristas, “nossos conhecimentos começam com a experiência dos sentidos, isto é, com as sensações [decorrentes do ambiente externo]. Os objetos exteriores excitam nossos órgãos dos sentidos e vemos cores, sentimos sabores e odores, ouvimos sons, sentimos a diferença entre o áspero e o liso, o quente e o frio, etc. As sensações se reúnem e formam uma percepção; ou seja, percebemos uma única coisa ou um único objeto que nos chegou por meio de várias e diferentes sensações. Assim, vejo uma cor vermelha e uma forma arredondada, aspiro um perfume adocicado, sinto a maciez e digo: “Percebo uma rosa”. A “rosa” é o resultado da reunião de várias sensações diferentes num único objeto de percepção” (CHAUÍ, 2000, p. 88).

entende o sujeito como produto e produtor de sua história, aqui praticamente desaparece a individualidade.

Terceiro: há, ainda, os que consideram tais obras como resultado do processo de sublimação. Grosso modo, tal mecanismo é o nome dado por Freud para designar o processo por meio do qual são realizadas as produções humanas, como a literatura (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/1988). À primeira vista, tais produções não parecem ter relação com a sexualidade. Entretanto, para Freud, “o seu elemento propulsor [está] na força da pulsão sexual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/1988, p. 638). Nesse sentido, a literatura seria consequência do processo sublimatório. Parece-nos, contudo, que, se o indivíduo é levado em consideração, o social não é problematizado; sem contar que a obra de arte seria apenas resultante de fatores inconscientes.

Por outra via, críticos de literatura não admitiam a análise de uma obra se não fosse segundo os próprios parâmetros literários, ou seja, em conceitos que não correspondessem à própria arte. Como afirmou Leite (1965/1977, p. 15), resguardavam “o estudo literário como a única forma de compreender a literatura”.

Dissonante às duas proposições expostas, Leite (1965/1977) considerou “inaceitáveis” os argumentos apresentados em defesa dos pontos de vista, tanto sociológico e psicológico quanto crítico literário.

Ora, como se poderia explicar o fato de obras, igualmente decorrentes da superestrutura, das percepções e da sublimação, não carregarem consigo manifestações literárias, se são esses fatores que usualmente, para sociólogos e psicólogos, definem a expressão artística? Por outro lado, mesmo considerando parcialmente correta a teoria de que “o valor de uma obra literária independe de suas suposições extraliterárias” (LEITE, 1965/1977, p. 16), como é possível desprezar elementos que compõem a aceção da obra, como os sociais, por exemplo? Infere-se, dessa forma, que as relações entre psicologia e literatura, em nossa opinião, são dialógicas; portanto não opostas, como parecem defender alguns estudiosos das áreas sociológica, psicológica e literária.

Com o passar do tempo, todavia, até mesmo os críticos literários começaram a discernir e a valorizar a importância de se reconhecer a análise de obras literárias a partir da ciência e/ou de outras perspectivas. Ainda assim, esses críticos mantinham o receio de que tais obras fossem, por exemplo, reduzidas a fórmulas matemáticas, como concebia a ciência a partir do século XVII.



Por esse prisma, devemos reconhecer a ruptura do sujeito contemporâneo em relação a determinadas inclinações sociais que marcam épocas e envolvem os indivíduos praticamente de forma automática. A esse respeito, Leite (1965/1977) cita a religião e as ciências naturais. Para o referido pesquisador, o novo saber hegemônico é o psicológico. Este nos possibilita realizar análises e interpretações acerca do indivíduo consigo e com os outros.

A explicação psicológica da arte é apenas um caso [...] em que se procura uma forma de compreensão a partir de características do indivíduo. Fundamentalmente essa necessidade de explicação é uma consequência da vida social: à medida que o homem perde a crença em forças sobrenaturais ou na determinação hereditária de características individuais, precisa encontrar outras explicações para elas. (LEITE, 1965/1977, p. 19)

O crítico literário e pesquisador Antonio Candido (1918-2017) argumentou em sentido semelhante – embora voltado principalmente à questão sociológica. Ele fez isso quando afirmou que a análise literária deve levar em consideração alguns elementos apresentados pela tessitura da obra. Por exemplo, a estrutura social, os valores e as técnicas de comunicação (CANDIDO, 1965/2000).

A estrutura social corresponde à posição socialmente marcada do artista e às características do grupo receptor. Por sua vez, os valores dizem respeito ao que o artista quer colocar em evidência e problematizar, assim como indicar quais devem ser seguidos. Já as técnicas de comunicação dizem respeito às formas de transmissão.

*Vidas secas* (1938/2003) do escritor Graciliano Ramos (1892-1953) é um exemplo típico. O autor alagoano, tendo convivido com a seca que assolava o sertão do Nordeste, retratou em sua obra todo o sofrimento de uma família de retirantes nordestinos devido à seca intermitente da região. Assim, buscou informar o estado precário em que viviam as pessoas da época, pois elas eram obrigadas a mudarem-se cada vez que a seca dominava o lugar em que estavam. Os personagens foram apresentados de forma áspera, condizente com o ambiente em que viviam, tomado pela seca e pela exploração dos detentores do poder, promovendo, como consequência, a desumanização, a coisificação e o processo de animalização do homem. Em Fabiano (personagem principal), observamos esses aspectos, a ponto de o próprio se considerar um bicho, devido à sua condição miserável e à falta de

habilidade com as palavras, já que era um homem sem instruções, o que o fazia “grunhir” vocábulos.

Mesmo a estética da obra é marcada pelo contexto em exposição. Ramos (1938/2003) utilizou, por exemplo, o discurso indireto livre para ressaltar as mazelas sociais. Em outras palavras, se apoiou na falta de linearidade da narrativa como analogia ao nomadismo das personagens, que se dá por fragmentação temporal e espacial e o pouco uso de adjetivos, com a finalidade de revelar a aspereza do ambiente e suas influências sobre os sujeitos que se encontram ali.

Em síntese,

[...] a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-se segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio [os dois últimos são característicos das técnicas de comunicação]. (CANDIDO, 1965/2000, p. 20)

Salientamos que, mesmo sendo social o foco de análise literária de Candido (1965/2000), em nossa opinião, igualmente, é inteiramente truista o envolvimento da literatura com a psicologia – assim como o era, para o referido autor, em relação à sociologia. Isso ocorre porque a psicologia se preocupa com o indivíduo, elemento fundamental da sociedade. Nesse sentido, observamos a indissociável relação entre o social, o psicológico e o literário. Em outros termos, a literatura, por vezes, fala mais do nosso tempo e da psicologia humana do que as ciências que se destinam ao estudo da sociedade e do indivíduo.

Acrescente-se, a essa posição, as considerações de Leite (1965/1977, p. 20):

[...] a nossa literatura tem sido vista [...] sob seu aspecto “social”, isso se deve ao fato de apresentar quase exclusivamente o aspecto mais superficial ou aparente de nossa vida coletiva. Sempre que o escritor ultrapassa essa camada de aparências, vê-se a necessidade, não apenas de uma análise histórica ou sociológica, mas também da perspectiva psicológica.

Pode-se, todavia, perceber a psicologia em uma obra literária à medida que a posição social do artista e o tema são, em parte, determinados pelo próprio sujeito e, ao produzi-la, o literato acaba por emitir regras de conduta (filosofia moral) e evidenciar uma subjetividade ou várias (psicologia). Por conseguinte, pensamos que a obra de arte oferece indícios sobre a concepção de homem e de mundo defendida pelo artista (portanto, ela propõe uma filosofia), faz análise do momento presente

(sociologia) e dos seus personagens/tipos (psicologia). Como afirmou o psicólogo Yves de La Taille (1956-), ao fazer considerações sobre a obra *O juízo moral na criança* (1932/1994) do emérito epistemólogo e psicólogo Jean Piaget (1896-1980): “não basta que a Sociologia explique a guerra; é também preciso explicar o guerreiro [e suas produções, como a literatura]” (LA TAILLE, 1994, p. 20).

Diante do exposto, analisamos o aspecto ético/moral expresso na obra *Ensaio sobre a cegueira*, publicada em 1995, do escritor e prêmio Nobel de literatura José Saramago (1922-2010), mais especificamente em relação aos valores encontrados na personagem denominada “mulher do médico” – a única que não foi tomada pela cegueira branca.

São nossas hipóteses:

a) a obra aponta os valores considerados válidos e que têm funcionado como reguladores morais e éticos;

b) denuncia, por meio de certos valores, os efeitos da sociedade pós-industrial;

c) e oferece caminhos, por meio de algumas virtudes, à superação desse quadro de cegueira branca que, a nosso ver, tem tomado todas as sociedades, sobremaneira, as do mundo Ocidental.

## 1.2 Justificativas

A nossa pretensão em analisar a citada obra começou a tomar forma, além do que dissertamos acerca da defesa do diálogo entre literatura e psicologia, a partir do nosso exercício profissional como docentes há mais de sete anos nos Ensinos Fundamental e Médio (em escolas públicas e privadas). Observamos, durante esse período, que os alunos não apresentavam interesse pelo aprendizado de conteúdos relacionados à língua portuguesa, principalmente quando se tratava da leitura de obras consideradas clássicas.

Diante disso, indagamo-nos acerca dos motivos desse desinteresse. Inicialmente, pensamos tratar-se do fato de os clássicos referenciarem contextos distantes dos vividos por nossos alunos, além de a linguagem empregada geralmente estar, do mesmo modo, distante da usualmente empregada por eles.

Consideramos, então, a possibilidade de apresentar-lhes obras mais atuais e que tivessem uma linguagem (comunicação) considerada mais fácil. Apresentamos,

assim, *Admirável mundo novo* (1932/2007) do escritor inglês Aldous Huxley (1894-1963). A referida produção apresenta um mundo futurístico em que as pessoas são criadas em laboratório, condicionadas psicologicamente e divididas em “castas”. As estratificações sociais são marcadas por indivíduos homogêneos, feitos para atender às necessidades sociais.

Os Alfas, pertencentes à classe superior, são responsáveis por funções de direção e administração, por exemplo. Os Betas, classe abaixo, por funções técnicas, como Lenina Crowne, vacinadora, e Fanny Crowne, embriologista. Na classe inferior, encontram-se os Gamas, Deltas e Ípsilons, que apenas executam tarefas manuais. O condicionamento visa à estruturação de uma sociedade em que uma minoria detém o poder e o conhecimento; portanto, controladora de todos os outros indivíduos.

Inicialmente, notamos que, para os estudantes, a obra não trazia nada além do que lhes era mostrado explicitamente, ou seja, não passava de uma ficção que retratava uma sociedade imaginária [não seria “já existente”?]. Devido a isso, foi considerada cansativa e desprovida de elementos que promovessem o interesse pela leitura.

Em seguida, lhe propusemos a sua releitura, agora pautada em outros elementos. Expusemos a importância de se considerar a posição do artista na composição da obra, apontando, sob a ótica de Candido (1965/2000), que a obra é produzida pelo sujeito, o qual está profundamente imerso nos ideais e valores de sua época. Como cita o referido estudioso, “a obra exige necessariamente a presença do artista criador” (CANDIDO, 1965/2000, p. 23).

Dessa forma, podemos verificar que o fato de Huxley ter vivido, como denomina o historiador Eric Hobsbawn (1917-2012) (1995), em uma era catastrófica – quando defensores dos regimes políticos totalitários (nazismo, fascismo e stalinismo) assumiram o poder, e, conseqüentemente, resultaram-se guerras e destruições – fê-lo provavelmente inquieto psicologicamente e, por conseguinte, acabou manifestando a sua crítica por intermédio da obra, sobretudo acerca do receio da perda da liberdade e da individualidade.

A partir desses elementos, pedimos que eles refletissem sobre formas de controle já adotadas pela sociedade atual, sem as pessoas se darem conta desse aspecto. Como todos tinham e gostavam de lidar com as novas mídias, pedimos que refletissem sobre os efeitos delas em suas vidas. Um dos estudantes chegou a

mencionar que perdera a oportunidade de emprego porque os recrutadores acessaram sua página do *Facebook* e tiveram contato com conteúdos e imagens de que eles não gostaram. Diante disso, inclusive, ele chegou a se sentir vigiado.

Na sequência, também pela inclinação de Candido (1965/2000), apresentamos aos alunos a formação da obra, especificamente em relação ao seu conteúdo – construído por influências, principalmente, de valores sociais. Por exemplo, em *Admirável mundo novo* (HUXLEY, 1932/2007), verificamos a revelação de uma insatisfação – não apenas individual (a do artista), mas coletiva (a da sociedade) – por estar em jogo a liberdade. Destarte, concordamos com o citado autor quando enfatiza a importância da experiência cotidiana do indivíduo para a inspiração, principalmente, quando esta advém de um objeto considerado valioso pelo grupo.

Por fim, ressaltamos o público como outro elemento a ser considerado para a criação literária. Mais uma vez pela visão de Candido (1965/2000), apontamos as mudanças ocorridas nas criações das comunidades primitivas às atuais. As primeiras não permitiam a segregação visível entre artista e público. Manifestavam-se em sociedades com pequenos números de indivíduos, em que havia uma estreita ligação da expressão artística com os outros aspectos da vida social, o que propiciava a participação do coletivo em manifestações das artes (canto, dança, representação teatral, entre outros). Já as produções atuais agem em uma sociedade diferente, com um contingente maior de pessoas, promovendo o “surgimento” de variados públicos e possibilitando a plena distinção entre criador e receptor. Constatamos que há entre eles um ciclo que resulta na obra. Em outras palavras, o artista direciona a criação a um segmento do grupo receptor, e este “decide o destino da obra, ao interessar-se por ela e nela fixar a atenção” (CANDIDO, 1965/2000, p. 31). Ademais, o público age determinantemente sobre o artista. É o caso de escritores que reformulam o modo de escrever, ou mesmo passam a se concentrar em outros gêneros para atender as exigências de seus leitores.

Para indicar o “surgimento” da aceitação pública de uma obra, apontamos um fator influente: os próprios padrões sociais. Por isso, voltamo-nos às redes sociais e debatemos a respeito de frases que, equivocadamente, apresentam como autores pessoas célebres. A necessidade de se “mostrar” conhecedor, e não propriamente ser, para ser socialmente reconhecido, a fim de que o indivíduo se sinta parte do

todo, faz com que esse tipo de erro se propague. Como afirma Candido (1965/2000, p. 32), “[...] mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos públicos, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio”.

A esse propósito – tema estudado por Bruckner (2000), Costa (1985, 1989), La Taille (1998, 2009), Pedro-Silva (2006), entre outros – o poema *Eu, etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é exemplar:

Em minha calça está grudado um nome  
 Que não é meu de batismo ou de cartório  
 Um nome... estranho  
 Meu blusão traz lembrete de bebida  
 Que jamais pus na boca, nessa vida,  
 Em minha camiseta, a marca de cigarro  
 Que não fumo, até hoje não fumei.  
 Minhas meias falam de produtos  
 Que nunca experimentei  
 Mas são comunicados a meus pés.  
 Meu tênis é proclama colorido  
 De alguma coisa não provada  
 Por este provador de longa idade.  
 Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
 Minha gravata e cinto e escova e pente,  
 Meu copo, minha xícara,  
 Minha toalha de banho e sabonete,  
 Meu isso, meu aquilo.  
 Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
 São mensagens,  
 Letras falantes,  
 Gritos visuais,  
 Ordens de uso, abuso, reincidências.  
 Costume, hábito, premência,  
 Indispensabilidade,  
 E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
 Escravo da matéria anunciada.  
 Estou, estou na moda.  
 É duro andar na moda, ainda que a moda  
 Seja negar minha identidade,  
 Trocá-lo por mil, açambarcando  
 Todas as marcas registradas,  
 Todos os logotipos do mercado.  
 Com que inocência demito-me de ser  
 Eu que antes era e me sabia  
 Tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
 Ser pensante sentinte e solitário  
 Com outros seres diversos e conscientes  
 De sua humana, invencível condição.  
 Agora sou anúncio  
 Ora vulgar ora bizarro.  
 Em língua nacional ou em qualquer língua  
 (Qualquer, principalmente.)  
 E nisto me comprazo, tiro glória  
 De minha anulação.  
 Não sou – vê lá – anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago  
 Para anunciar, para vender  
 Em bares festas praias pérgulas piscinas,  
 E bem à vista exibo esta etiqueta  
 Global no corpo que desiste  
 De ser veste e sandália de uma essência  
 Tão viva, independente,  
 Que moda ou suborno algum a compromete.  
 Onde terei jogado fora  
 meu gosto e capacidade de escolher,  
 Minhas idiossincrasias tão pessoais,  
 Tão minhas que no rosto se espelhavam  
 E cada gesto, cada olhar,  
 Cada vinco da roupa  
 Sou gravado de forma universal,  
 Saio da estamperia, não de casa,  
 Da vitrine me tiram, recolocam,  
 Objeto pulsante mas objeto  
 Que se oferece como signo de outros  
 Objetos estáticos, tarifados.  
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
 De ser não eu, mas artigo industrial,  
 Peço que meu nome retifiquem.  
 Já não me convém o título de homem.  
 Meu nome novo é Coisa.  
 Eu sou a Coisa, coisamente. (ANDRADE, 1984/2015, p. 53-55)

Com a segunda leitura, focada em tais elementos, notamos uma nova construção de conhecimentos por parte dos estudantes. Julgamos ter oferecido a eles estímulos que os levaram a se sentirem receptivos à leitura de outras obras literárias, fator que também nos impulsionou a seguir com as nossas indagações acerca da relação entre literatura e psicologia.

Mesmo assim, apesar do aumento do interesse pela leitura, não notamos mudanças em suas condutas; sequer na forma de pensar. Eles continuavam a emitir opiniões baseadas no senso comum e/ou preconceituosas sobre temáticas da vida atual – descriminalização do aborto e das drogas leves, homossexualidade, sexismo, etnia, entre outras. Além disso, permaneciam priorizando formas de glória (beleza, prestígio social e dinheiro) e considerando *démodé* aqueles que defendiam valores como honestidade, justiça, lealdade, generosidade, doçura, humildade, bom senso, entre outras virtudes.

Diante disso, começamos a questionar sobre o que poderia ser feito – por intermédio da literatura – para que eles comesçassem a problematizar tais valores. Afinal, assim como alguns autores, consideramos que estamos a viver uma crise moral e ética. É o que podemos depreender, por exemplo, das reflexões de Zygmunt Bauman (1925-2017) em várias de suas obras (1997, 1998, 2000, 2003, 2006,

2007). Com a intenção de fazer com que os citados estudantes repensassem sobre seus atos e julgamentos éticos/morais, aconselhamos nova releitura. Tendo como alicerce a obra de Huxley (1932/2007), nesse momento, guiamo-los a refletir sobre as consequências do demasiado individualismo, preponderante hoje, e como isso tem tornado o sujeito ausente em sua identidade moral de valores vitais à sociedade, como a justiça.

Desse modo, notamos algumas mudanças de opinião, aspecto que nos motivou a prosseguir nos nossos questionamentos. Uma vez finalizado o trabalho com os estudantes, tivemos a percepção de ter elevado a importância de outros valores não associados às formas de glória. Os adolescentes, objetos dessa intervenção, a nosso ver, encontravam-se profundamente arraigados por preconceitos (por exemplo, a submissão feminina) e apresentando postura narcísica (egoísta) e, por conseguinte, mostrando-se refratários à expansão e à modificação de suas posições e de seus argumentos.

Outro motivo que nos levou a propor a referida pesquisa acerca de uma personagem da obra *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995) foi a nossa percepção de que estamos vivendo um momento de profunda crise de valores morais e éticos, como já apontamos. A esse respeito, teceram considerações Bauman (1997), Bruckner (2000), Costa (1985; 1989), Habermas (1985/1990), La Taille (2002a, 2009), Lipovetsky (2004), Rouanet (1993), Sennett (1976/1988), Pedro-Silva (2006) dentre vários estudiosos dedicados à análise da atualidade.

Richard Sennett (1943-) considera que as pessoas, atualmente, só tem se preocupado com os próprios interesses. Assim, elas apenas buscam refletir sobre a própria vida psíquica, com o objetivo de desvelar os verdadeiros sentimentos, esquecendo-se do fato, ou mesmo desconhecendo, de que eles são produzidos socialmente, além de transformar a convivência com amigos íntimos e familiares em um fim em si mesmo. O citado autor (SENNETT, 1976/1988) afirmou que essa situação está relacionada à valorização da esfera privada em detrimento da pública. Ao realizar análise histórica das razões que levaram à transformação da dimensão pública numa questão de obrigação formal, este estudioso notou que as pessoas não estão preocupadas com a descoberta de princípios supraindividuais.

Edgard de Assis Carvalho (Prefácio, apud COSTA, 1989, p. 9), ao comentar as posições políticas do psicanalista Hélio Pelegrino (1924-1988), assim resumiu o



seu pensamento acerca do mundo contemporâneo, atravessado pela mentalidade da sobrevivência:

[...] um mundo sem amor, desoxigenante, terminal, incapaz de garantir a socialidade [sic] mínima. Nesse cenário dilacerador é que explodem a violência generalizada, a impotência social, o descalabro institucional, a reprodução ampliada da cultura do narcisismo que, de um lado, aposta na desestruturação da sociabilidade e, de outro, investe no curto-circuito da autopreservação e da autoconservação desmesurada.

Segundo Jurandir Freire Costa (1944-) e Christopher Lasch (1932-1994)<sup>2</sup>, essa mentalidade é produto da cultura da violência. Ela, ao apontar a todo o instante a impotência e a impossibilidade de mudança do sombrio quadro social instituído, ativa mecanismos narcisistas de proteção do EU. Isso pode levar, por exemplo, a modelos de relacionamentos, referentes às convivências em geral, pautados na superficialidade e brevidade. Nesse sentido, Bauman (1997) os define como líquidos, e Piaget (1932/1994), heterônomos, portanto a mercê do *clima cultural geral*<sup>3</sup>. Em outros termos, o sujeito dá a impressão de que está se relacionando, mas, na verdade, sequer está levando em consideração o outro.

Justificamos, também, a nossa pesquisa, porque estudos psicológicos referentes aos valores morais são relevantes, já que o sujeito possui uma imagem valorativa de si. Segundo Roger Perron (1991, p. 24 apud LA TAILLE, 2002c, p. 16)

As representações de si são construídas como conjunto de valores. Todas as características pelas quais o sujeito pode se definir são, com efeito, sentidas, em graus diversos, como desejáveis ou não (...) 'sou valor porque sou, sou porque sou valor'.

Ademais, conforme Alfred Adler (1870-1937), a leitura que fazemos de nós é sempre positiva (1933/1991). Em outros termos, o referido psicólogo austríaco considera que somente o fato de se ser humano já implica buscar fugir do sentimento de inferioridade. Este, para Adler (1933/1991), é responsável por

<sup>2</sup> Referimo-nos às obras de Costa "Narcisismo em tempos sombrios" (1985 e *Psicanálise e moral* (1989) e as de Lasch *A cultura do narcisismo: a vida americana numa época de esperanças em declínio* (1979/1983) e *O mínimo eu: a sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (1984/1987).

<sup>3</sup> O clima cultural geral (*general cultural climate*) consiste "[...] particularmente na influência ideológica pela qual os *media* modelam a opinião pública. [Assim,] Se o nosso clima cultural foi padronizado sob o impacto do controle social e da concentração tecnológica a um grau sem precedentes, podemos esperar que os hábitos de pensamento dos indivíduos reflitam a dinâmica de sua própria personalidade. Tais personalidades podem, na verdade, ser produtos dessa padronização" (ROUANET, 1989, p. 175).

neuroses, bem como por comportamentos agressivos e imorais. Por perspectiva contrária, La Taille (2002c) critica o valor “estar bem consigo mesmo” apontado por Adler (1933/1991) como autoestima, ou seja, sentimento do valor que não está relacionado à moral (beleza física, inteligência, sucesso profissional). Dessa forma, La Taille (2002c, p. 23) enuncia:

[...] não consideramos a autoestima como condição necessária ao agir e pensar morais, contrariando assim uma opinião popular (retomada por Adler, 1933/1991) segundo a qual ‘quem está de bem consigo mesmo’ age moralmente. Não vemos porque pessoas que agem imoralmente, ou simplesmente costumam colocar a moral em segundo plano, teriam necessariamente problemas de autoestima. Tal tese apoia-se, no fundo, na ideia de que a imoralidade relaciona-se com a patologia (ou a ignorância), tese claramente desmentida por estudos como os da psicanálise.

Apesar disso, a questão é que Piaget (1954/2014) retoma a afirmação de Adler (1933/1991) de que valorizar positivamente a si próprio compõe as identidades de maneira geral, portanto constitui força motivacional.

Justificamos nossa escolha por constatar lacuna na literatura em relação a estudos científicos voltados para a análise da obra *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995), sob o viés da psicologia da moralidade e eticidade humana. Ademais, procuramos também construir novos olhares para a psicologia da moralidade humana. Conforme levantamento bibliográfico feito em 2016, nas bases de dados *Dedalus*, *Scielo* e *Google Acadêmico*, não encontramos estudos, por meio dos unitermos “Saramago”, “Ensaio sobre a cegueira”, “psicologia moral”; psicologia moral *and* Saramago”, “psicologia das virtudes”, psicologia das virtudes *and* Saramago”.

A maioria dos estudos referentes à obra em questão tratou de assuntos pertinentes à análise de elementos importantes à literatura, como *Os espaços infernais e labirínticos em Ensaio sobre a cegueira* (RICHTER, 2007). Mesmo quando envolvia a psicologia, não apresentava questões proporcionadas pela psicologia moral de Piaget (1932/1994), como *A violência é cega: reflexões em torno de Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago (TEIXEIRA, 2010). Igualmente, não encontramos investigações relacionadas à psicologia das virtudes, sistematizada por La Taille (1992, 1998, 2000, 2002a, 2002b), que tenha tido a referida obra de Saramago (1995) analisada, tampouco qualquer outra do mesmo escritor.

Por fim, ao analisar os aspectos morais da obra de Saramago (1995) a partir dos mencionados referenciais, foi nossa intenção contribuir para os aspectos apresentados a seguir:

a) apresentar, por intermédio da obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), contribuições para a expansão do campo de estudos da Psicologia Moral e das Virtudes;

b) oferecer elementos sobre os aspectos éticos e morais presentes nas relações atuais;

c) promover reflexões sobre ou para o ensino da literatura nos cursos de Ensino Fundamental, Médio e Superior;

d) identificar na obra *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995) questões atuais sobre a ética, a moral, os valores e as consequências de uma sociedade pós-industrial na construção da identidade.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho consistiu em analisar os aspectos ético/morais encontrados na obra *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995), sobretudo em relação à mulher do médico, a única personagem não tomada pela cegueira branca.

Especificamente, foram nossos objetivos:

1 – identificar a natureza dos valores priorizados pela “mulher do médico”, isto é, se eles eram mais afeitos à dimensão moral (pública), ética (privada) ou se constituíam em formas de glória;

2 – tendo como parâmetro a análise dessa personagem, em analogia com as sociedades pós-industriais, identificar os valores que têm sido priorizados por grande parte dos indivíduos a ponto de não se considerar o outro em suas relações;

3 – igualmente, por intermédio da “mulher do médico”, analisar os valores que Saramago (1995) apregoou como necessários para a superação desse modelo de identidade heterônoma e de sociedade tomada pela cegueira branca.

Para a análise dos valores da “mulher do médico”, empregamos como referência a psicologia moral de Piaget (1932/1994), a psicologia das virtudes, sistematizada por La Taille (1992, 1998, 2000, 2002a, 2002b), bem como a filosofia das virtudes de Comte-Sponville (1995).

Por conta disso – antes de entrar na análise da personagem – na Parte II deste trabalho, apresentamos nossa metodologia, a saber, realizamos uma pesquisa documental.

Na Parte III, discorreremos sobre o referencial teórico adotado. Basicamente, tecemos considerações sobre os valores éticos/morais referentes à Psicologia moral (PIAGET, 1932/1994), à Psicologia das virtudes (LA TAILLE, 1992, 1998, 2000, 2002a, 2002b), além de nos voltarmos a definições de virtude e sua importância na construção da moralidade (COMTE-SPONVILLE, 1995).

Na parte IV, apresentamos a vida de Saramago e o contexto histórico em que se deu o seu nascimento, a adolescência, a adultícia e, por fim, a velhice e sua morte.

Na parte V, apresentamos análise de falas, pensamentos e condutas da “mulher do médico” – a única a **não** ser tomada pela cegueira branca;

Por fim, apresentamos um conjunto de considerações finais, à guisa de conclusão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente capítulo visa a apresentar nossas considerações finais a respeito do que foi apontado sobre os aspectos éticos e morais contidos na obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995) de Saramago, principalmente em relação ao nível de desenvolvimento moral e aos valores que nortearam as condutas da mulher do médico, a única não tomada pela cegueira branca. Nesse sentido, observamos que a referida personagem guiou suas condutas por virtudes características de uma moralidade autônoma.

Antes, porém, de tecer considerações finais acerca da personagem “a mulher do médico”, informamos que na Parte I da presente dissertação tecemos considerações sobre a relação entre literatura e psicologia, principalmente a da moralidade e a das virtudes. Amparados em críticos literários e psicólogos, verificamos que a referida relação é possível, embora, por muito tempo, tenha sido desconsiderada por psicólogos, sociólogos e literatos.

Na sequência, apresentamos as justificativas para a realização do presente estudo: do ponto de vista pessoal, por termos sido docentes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Notamos, durante esse percurso, que os estudantes se mostravam desinteressados quanto aos conteúdos relacionados à disciplina de Língua Portuguesa. Somado a isso, também nos preocupávamos com o que costumavam emitir acerca de temas como o racismo, o machismo, o *bullying*, entre outros. Assim, descrevemos o projeto que desenvolvemos com eles a partir da obra *Admirável mundo novo* (1932), de Huxley, que nos possibilitou disparar e dialogar sobre aspectos que contribuíssem para a construção de novos olhares acerca desses temas ou, no limite, mesmo que permanecessem defendendo os mesmos pontos de vista, refletissem sobre eles. Em outros termos, buscamos, com isso, fazê-los refletir sobre os valores priorizados em nossa sociedade que renegam a importância do outro, além de apontar a possibilidade de transformação do quadro social vigente.

Socialmente, justificamos o estudo amparados na própria realidade social, que nos parece indicar um quadro de anomia social, e em autores que se debruçaram sobre a atual crise moral e ética, que estamos a viver (afirmação com a qual concordamos).

Justificamos, ainda, nosso estudo por constatar lacuna na literatura em relação a estudos científicos voltados para a análise, sob o viés da psicologia da moralidade e eticidade humana, da obra *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO,

1995). Assim, procuramos, por meio da mencionada obra, construir novos olhares sobre esta obra a partir da psicologia da eticidade e moralidade humana, bem como das virtudes.

Por fim, ao analisar os aspectos morais da obra de Saramago (1995) a partir dos mencionados referenciais, foi nossa intenção contribuir para os aspectos apresentados a seguir:

a) apresentar, por intermédio da obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), contribuições para a expansão do campo de estudos da Psicologia Moral e das Virtudes;

b) oferecer elementos sobre os aspectos morais nos modos de relações atuais;

c) promover reflexões sobre ou para o ensino da literatura nos cursos de Ensino Fundamental, Médio e Superior;

d) identificar na obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995) questões atuais sobre a ética, os valores e as consequências de uma sociedade pós-industrial na construção da identidade moral daqueles que vivem em seu interior.

Em relação os objetivos do estudo, identificamos a natureza dos valores priorizados pela “mulher do médico”, isto é, eles eram mais afeitos à dimensão moral (pública), ética (privada) ou formas de glória; identificamos e analisamos os valores que têm sido priorizados por grande parte dos indivíduos a ponto de não considerarem o outro em suas relações; igualmente, identificamos e analisamos os valores necessários para a superação desse modelo de identidade heterônoma.

Na Parte II, apresentamos nossa metodologia, a saber, configurou-se como uma pesquisa documental. Esta contribui para a análise de documentos já acusados, mas que permitem receber variadas interpretações; embora não tenham sido desenvolvidas pesquisas sobre a psicologia moral e ética quanto a essa obra.

Na Parte III, discorremos sobre o referencial teórico adotado. Basicamente, tecemos considerações sobre os valores morais, referentes à Psicologia moral de Piaget (1932/1994), e à Psicologia das virtudes (La Taille, 1992, 1998, 2000, 2002a, 2002b), além de nos voltarmos a definições de virtude e sua importância na construção da moralidade (COMTE-SPONVILLE, 1995).

Na Parte IV, apresentamos dados a vida de Saramago e o contexto histórico em que se deu o seu nascimento, a adolescência, a adultícia e, por fim, a velhice e sua morte.

Na parte V, expomos os resultados e sua análise acerca da “mulher do médico” – a única que **não** foi tomada pela cegueira branca.

Identificamos que os valores priorizados pela mulher do médico eram mais afeitos às dimensões moral (pública) e ética (privada). Em outras palavras, a mulher do médico teve a maioria de suas condutas motivadas por valores relacionados ao como se *deve agir* e como se *deve ser*, visando, respectivamente, a busca da harmonia social e da individual ou de alguma forma de felicidade.

Quanto aos aspectos morais observados nos personagens, de um modo geral, notamos que, diferentemente da mulher do médico, eles pensavam e agiam de maneira heterônoma e/ou pautados por formas de glória (beleza, força física, status social e financeiro). Sendo assim, mantinham relações de coação (tanto de mando quanto de obediência), nas quais, ao contrário do que acontece nas por reciprocidade, predomina a assimetria. Isso significa dizer que obedeciam cegamente às figuras julgadas autoridades e agiam de maneira igual em relação aos que julgavam inferiores. Somado a isso, as preocupações dos personagens estavam voltadas para a defesa do EU, a ponto de o Outro ser concebido apenas como meio para a concretização dos próprios interesses. Dessa forma, agiam de maneira a não refletir sobre suas ações, a ponto de, diversas vezes, a vida alheia perder por completo o valor. Foi o que nos mostraram a mãe do menino estrábico, o primeiro homem a cegar, o ladrão de carros, os guardas, os estupradores, entre outros personagens da obra.

Ademais, ainda em comparação à mulher do médico, embora tenhamos encontrado a manifestação de algumas virtudes por determinados personagens, percebemos que foram em contextos isolados. Esses foram os casos do médico (coragem), do ladrão (polidez, ainda que seja considerada uma pequena virtude) e da personagem que estava sendo violentada pelo líder dos estupradores quando a mulher do médico o matou (gratidão). Assim, observamos indivíduos heterônomos, embora, em algumas circunstâncias, tenham considerado o outro em suas relações. Porém, a nosso ver, tais atitudes não configuram condição suficiente para afirmarmos que eram totalmente autônomos. Na verdade, como ocorre com a maioria da população, apresentaram em alguns contextos condutas pautadas pela autonomia e por valores morais e éticos.

Quanto à mulher do médico, o oposto se sucedeu. Notamos uma personagem autônoma, com algumas falas típicas de sujeitos heterônomos, como a de acreditar



que as vidas são determinadas pelo destino. Porém, como demonstramos ao longo da análise, sabemos da dificuldade de se ser autônomo quando se encontra rodeado por heterônomos. Afirmamos isso, pois somos dependentes do olhar do outro sobre nós, ou seja, necessitamos da aprovação de outrem. Sem contar que sujeitos totalmente autônomos é algo raro (embora não impossível).

A nosso ver, evidenciamos, ainda, que a autonomia da mulher do médico não foi obtida apenas graças a um trabalho da razão. Ela foi forjada por meio do pensar articulado ao cultivo (exercício) de grandes virtudes, como a compaixão, a coragem, a generosidade, a justiça/reciprocidade e a prudência. Como apontamos, *uma andorinha só não faz verão*.

Dessa forma, em analogia aos indivíduos das sociedades pós-industriais, foram apresentados personagens cultivadores de formas de glória, além de adeptos do hedonismo. Em outros termos, os indivíduos priorizavam valores como a beleza, a força física, o status social e o financeiro. Ademais, alguns tomaram a felicidade como sinônimo de satisfação do prazer individual, independentemente das consequências para as outras pessoas.

Quanto aos valores necessários para a superação desse modelo de identidade heterônoma, encontramos as seguintes virtudes: compaixão, generosidade, prudência, coragem e justiça nos pensamentos e ações da mulher do médico. Ainda que não sejam considerados virtudes, também notamos que em certos momentos ela se amparou pela solidariedade e pelo amor (este último não se trata mais de uma virtude, mas é a síntese delas). Sendo assim, tendo por suporte o fato de ela ter sido a única que não ficou cega, consideramos tais excelências como aquelas valorizadas por Saramago para superar o estado de heteronomia, servidão, alienação, coisificação, menoridade que, atualmente, se encontram os indivíduos, sobremaneira os pertencentes à classe social dominada.

Sendo assim, notamos nos pensamentos e nas ações da mulher do médico que ela agiu movida por reciprocidade – principal característica da moral autônoma. Isso significa dizer que ela procurou manter o outro como preocupação em suas relações, além de considerar e coordenar os diferentes pontos de vista que eram manifestados. Em outros termos, a referida personagem se pautou por valores éticos e morais, os quais possibilitam a construção de uma moralidade autônoma.

Acrescentamos: se notarmos o fato de que Saramago era comunista, é provável que ele quisesse nos dizer que a cegueira branca é um sintoma de

sociedades em que a vida passou a ter valor secundário (para não dizer, desprovida de qualquer excelência moral ou ética, ou seja, deixou de ser concebida como um bem em si mesmo). Apesar disso, ele nos aponta a possibilidade de se reestabelecerem os vínculos sociais por meio do cultivo de certos valores, como nos demonstrou sua personagem “a mulher do médico”. Ele parece nos indicar que, apenas voltando a considerar devidamente o outro em nossas relações, por meio do cultivo das virtudes e do uso da razão crítica (sábua), podemos superar esse quadro atual. Precisamos apontar, porém, que não encontramos respostas efetivas em relação às virtudes implicarem reciprocidade ou desta serem consequências. Grosso modo, não sabemos quem vem primeiro, se são as virtudes ou se é a reciprocidade, em todo caso, elas estão estritamente relacionadas. Esse é objeto para outro estudo, pois entre os estudiosos do tema, há divergências a esse respeito.

Afinal, como escreveu e cantou o artista Criolo (2011),

Não existe amor em SP  
Os bares estão cheios de almas tão vazias  
A ganância vibra, a vaidade excita  
Devolva minha vida e morra  
Afogada em seu próprio mar de fel  
Aqui ninguém vai pro céu.

Por outro lado, ainda julgamos potente a possibilidade de transformação do status quo. Para isso, é necessário que a ética não seja letra morta e, como tal, empregada apenas para condenar as condutas de outrem, e no seu lugar prevalecer o legalismo, a ditadura do politicamente correto e a primazia à democracia (dimensão do desejo) em detrimento da república (dimensão do viver em comunidade).

## REFERÊNCIAS

ACESSAJUVENTUDE. História do Carandiru (s.d.). Disponível em: <https://acessajuventude.webnode.com.br/historia-do-carandiru/>. Acesso em: 22 de abril de 2017.

ADLER, A. (1933). **Le sens de la vie**, Paris: Payot, 1991.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1947). **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. L. P. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES (343 a.C.). **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ASTÚCIA. In: DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, (s.d.) Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ast%C3%BAcia/>. Acesso em 13 de novembro de 2017.

BARRETO, A. Mudança social em Portugal, 1960/2000. **Instituto de Ciências Sociais**, Universidade de Lisboa, 2002.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOTTOMORE, T. (Editor) (s.d.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRUCKNER, P. **L'euphorie perpétuelle**. Paris: Édition Grasset et Fasquelle, 2000.

CALLIGARIS, C. (1991). **Hello Brasil**: notas de um psicanalista viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1996.

CALLIGARIS, C. (s.d) O hedonismo em "Roma" e entre nós. **Folha de São Paulo Ilustrada**, São Paulo, 12 abr 2007. Disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1204200726.htm>. Acesso em: 26 jun 2016.

CAMPBELL, R. & CRISTOPHER, J. Moral development theory: a critique of its kantian presuppositions. **Developmental Review**, v.16 (1), 1996.

CANDIDO, A. (1965). **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

**CIDADE DE DEUS**. Direção: Fernando Meirelles e Kátia Lund. Produção: O2 Filmes, Globo Filmes e Videofilmes. Lumière Brasil, 2002.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. de. **Nos labirintos da moral**. São Paulo: Papirus debates, 2005.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (Coord.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.

COSTA, J. F. **Psicanálise e moral**. São Paulo: Ed. Educ, 1989.

CRIOLO. Não existe amor em SP. In: GANJAMAN, D.; CABRAL, M. Nó na orelha (CD). São Paulo: Sterns Music , 2011.

DEBORD, G. (1992). **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOSTOIÉVSKI, F. (1866). **Crime e castigo**, São Paulo: Publifolha, 1998.

DRUMMOND, C. (1984). **Corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA**. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Niv Fichman, Andrea Barata Ribeiro, Sonoko Sakai: Fox Film do Brasil, 2008.

EPICURO. (s/d). **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FERRARO, A. R.; KREIDLOW, D. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 29, p. 179-200, 2004.

FLANAGAN, O. (1991). Cognition morale: développement et structure profonde. In: \_\_\_\_\_. **Psychologie morale et éthique**. Paris: Puf, 1996. p. 213-237.

FREITAG, B. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRUTUOSO, S. Tristeza não é doença. **Revista Época**, edição 486, São Paulo: Globo, 2007.

GARRIDO, T.; VILHENA, B. O Erê. In: FILHO, A. L. (Liminha). **O Erê** (CD). Nova Iorque: Epic Records, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GILLIGAN, C. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

GOLDING, W. (1954). **Senhor das moscas**. Rio de Janeiro: Alfabeta Brasil, 2014.

GRACIOLI, J. Espalhada por humanos, peste negra ainda tem casos registrados: pesquisa aponta que humanos espalharam a peste bubônica, epidemia mais mortal da história. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ratos-podem-ser-inocentes-transmissao-da-peste-negra/>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

**GRANDE** Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HABERMAS, J. (1985). **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1990.

HOBBS, T. (1651). **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril cultural, 1974.

HOBBS, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORWITZ, A. V. Tristeza não é doença. **Época**, São Paulo, ed. 486, 8 set 2007 Entrevista concedida a Suzane Frutuoso. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78970-9556-486,00.html>. Acesso em: 23 jun 2017.

HUXLEY, A. (1932). **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2007.

JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

KANT, I. (1781). **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, I. (1783). **O que é o esclarecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KANT, I. (1785). **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KOHLBERG, L. (1981). Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia del desarrollo moral**. Bilbao: De. Desclée, 1992.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação**. São Paulo: Scipione, 1988.

LASCH, C. (1979). **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago editorial, 1983.

LASCH, C. (1984). **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LA TAILLE, Y. de. Apêndice: três perguntas a vygotkianos, wallonianos e piagetianos. In: \_\_\_\_ (Org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 47-73.

LA TAILLE, Y. de. Prefácio à edição brasileira. In: PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. p. 7-20.

LA TAILLE, Y. de. **As virtudes morais segundo as crianças**. São Paulo: Instituto de Psicologia, 1998. (mimeogr.).

LA TAILLE, Y. de. Para um estudo psicológico das virtudes morais. **Educação e Pesquisa**. v. 26, n. 2, p. 102-121, São Paulo jul./dez., 2000.

LA TAILLE, Y. de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002a.

LA TAILLE, Y. de. Cognição, afeto e moralidade. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002b.

LA TAILLE, Y. de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicologia**: reflexão e crítica. Porto Alegre, v. 15, n. 1, 2002c

LA TAILLE, Y. de. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade da criança. **Psicologia**: reflexão e crítica. Porto Alegre, v. 15, n. 1, 2006.

LA TAILLE, Y. de. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEITE, D. (1965). **Psicologia e Literatura**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOCKE, J. (1690). *Ensaio acerca do entendimento humano*. In: \_\_\_\_\_. **Locke**. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)

MAIA, M. C. Conheça a vida e a obra do escritor José Saramago. **Revista Veja**, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/entretenimento/conheca-a-vida-e-a-obra-do-escritor-jose-saramago/>. Acesso em: 21 jun 2016.

MARX, K.; ENGELS, F. (1848). **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martins Claret, 2014.

MINÉ, E. Pretextos ou testemunhos? (em torno da crônica de José Saramago). **Boletim/CESP**, v. 14, n. 18, p. 99-105, jul./dez. 1994.

MOCHCOVITCH, L. G. (1988) **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1990.

NETO, J. C. de M. (1956). **Morte e vida Severina**. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007.

NIETZSCHE, F. (1878). **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Schwarcs, 2000.

**O JARDINEIRO** fiel. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Simon Channing-Williams: Focus Feature, 2005.

PASCAL, B. (1670). **Pensamentos**. Rio de Janeiro: Globo, 1979.

PEDRO-SILVA, N. **Entre o público e o privado**: ensaio sobre o valor da lealdade à palavra empenhada na contemporaneidade. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

PERRON, R. **Les représentations de soi**. Toulouse: Privat, 1991.

PENAS, M. C.; FISTEOS, L. R.; RÍO, J. V. A revolução dos cravos. **Intres divulgativo**, Melide, 2007.

PIAGET, J. (1932) **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J. (1936). **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.

PIAGET, J. (1937). **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PIAGET, J. (1946). **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975b.

PIAGET, J. (1954). **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

PIAGET, J. (1964). **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PIAGET, J. (1974). **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1978.

PIAGET, J. (s/d). **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. (380 a. C.). **A República**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

RAMOS, G. (1938). **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REZENDE, J.M. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. **As grandes epidemias da história**. São Paulo: Unifesp, p. 73-82, 2009.

RICHTER, N. G. **Os espaços infernais e labirínticos em “Ensaio sobre a cegueira”**. 165 f. Tese (Doutora em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

RODRIGUES, G.. Rio de Lágrimas. **Revista Isto é**, São Paulo: Três, ISTOÉ nº 1865, p. 40-41, 13 jul. 2005.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

ROUANET, S. P. **Razão nômade; Walter Benjamin e outros viajantes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

ROUSSEAU, J. J. (1762). **Do Contrato Social**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SARAMAGO, J. **Levantando do chão**. Lisboa: Caminho, 1980.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, J. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, J. **Autobiografia de José Saramago**. (s/d). Disponível em: <https://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SÊNECA, L. A. (s.d.). **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SENNETT, R. (1976). **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERRA, J. B. Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo. **Portugal Moderno, 1910-1940**, coord. Paulo Henrique, Catálogo de Exposição Portugal-Frankfurt, 1997.

SIMMEL, G. (1902) A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOBRAL, J. M. *et al.* Perante a Pneumônica a epidemia e as respostas das autoridades de saúde pública e dos agentes políticos em Portugal (1918-1919). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 377-402, 2009.

TAYLOR, C. (1989). **As fontes do Self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.

TEIXEIRA, G. L. A violência é cega: reflexões em torno de Ensaio sobre a cegueira de José Saramago. **Revista Aurora** (PUC-SP). São Paulo, n. 7, 2010.

**TEMPOS MODERNOS**. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Continental, 1936.



TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

VASCONCELLOS, J. L. de. **Etnografia Portuguesa**, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.